

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE TEOLOGIA**

JOSE DONIZETI LEONEL

EUCARISTIA, EXEMPLO E FONTE DE PARTILHA.

SÃO PAULO – 2014

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE TEOLOGIA**

JOSE DONIZETI LEONEL

EUCARISTIA, EXEMPLO E FONTE DE PARTILHA.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, como requisito necessário para obtenção parcial do grau de Bacharelado em Teologia, sob a orientação do professor Ms. Pe. Marcio Leitão.

SÃO PAULO – 2014

FICHA DE APROVAÇÃO

Tema: EUCARISTIA, EXEMPLO E FONTE DE PARTILHA.

Aluno: Jose Donizeti Leonel

Professor: Ms. Pe. Marcio Leitão

Nota obtida: _____

Observações do Professor:

Assinatura: _____

Prof. Ms. Pe. Marcio Leitão

DEDICATÓRIA.

Dedico este trabalho, primeiramente a Santíssima Trindade por me escolher no meio do povo para ser preparado por esta Faculdade de Teologia e posteriormente, ser devolvido a este povo. E dentro da missão diaconal alimentá-lo com a Eucaristia e com as Palavras do Santo Evangelho.

Como está escrito no profeta Jeremias (20,7): “Tu me seduziste Senhor e eu me deixei seduzir”. Estarei sempre ouvindo a voz do Mestre e pondo em pratica todos os ensinamentos recebidos. Dedico também à minha família e amigos que me apoiaram neste caminho vocacional.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da vida, e por ELE estar sempre atento às minhas necessidades espirituais no transcorrer dos cinco anos de formação acadêmica. E meus sinceros agradecimentos a esta faculdade e seus professores, pois são responsáveis pela minha formação e por este trabalho; também pela minha família e por meus amigos que sempre me apoiaram nesta caminhada religiosa.

Ao meu orientador: Prof. Ms. Pe. Marcio Leitão, pelo empenho, disponibilidade e carinho na orientação deste trabalho de conclusão de curso TCC.

Meu muito obrigado!

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, o meu objetivo é mostrar a todos a presença viva de Jesus na Eucaristia, como **exemplo e fonte de partilha** deste inesgotável Sacramento.

O mistério da Eucaristia existe porque o Deus Trindade, movido por uma ternura inefável e totalmente gratuita, quer nos encontrar para nos unir a si pelo amor. Em outros termos, a Eucaristia existe para a celebração e realização do grandioso projeto de Deus: transformar a humanidade para fazê-la entrar desde já no mundo da ressurreição, da qual os sinais eucarísticos são prefiguração. O pão partilhado é projeto gerador de uma nova sociedade. A Eucaristia é o coração da vida cristã, dela parte e retorna toda ação social e cristã. Pois testemunhar a Ressurreição de Jesus é promover a comunhão, bem como a solidariedade entre os irmãos.

O Concílio Vaticano II afirmou justamente que o sacrifício eucarístico é fonte e centro de toda a vida cristã. A Eucaristia nunca foi celebrada como um acontecimento paralelo em relação aos outros mistérios, mas como ponto culminante de todos eles. Jesus foi enviado à humanidade para proclamar uma comunhão nova e profunda dos homens com a Santíssima Trindade no sinal do pão.

Outro fator apresentado neste trabalho é conhecer o sentido teológico da Eucaristia, seu lugar na História da Salvação, sua estrutura, sua dimensão catequética e pastoral. Conhecer melhor, ensinar e viver toda dimensão deste sacramento e sua espiritualidade em toda a Teologia.

SUMÁRIO

EUCARISTIA, EXEMPLO E FONTE DE PARTILHA.

INTRODUÇÃO.....	03
------------------------	-----------

CAPÍTULO I: A EUCARISTIA NA SAGRADA ESCRITURA.

1.1- As Celebrações no Antigo Testamento.....	05
1.2 - Ofertas a Deus.....	05
1.3 - A Páscoa.....	06
1.4 - Eucaristia no Novo Testamento.....	06
1.4.1 - Eucaristia Visão dos Primeiros Cristãos.....	09
1.4.2 - Eucaristia no Segundo Milênio.....	10
1.4.3 - A Eucaristia em Santo Tomás de Aquino.....	11
1.4.4 - A Eucaristia em Trento.....	11

CAPÍTULO II: EM TORNO DO VATICANO II.

2.1 - A Celebração da Eucaristia.....	14
2.2 - Compreensão Teológica da Eucaristia.....	15
2.3 - Eucaristia, Centro da Vida Cristã e do Apostolado.....	19
2.4 - Reforma do Vaticano II.....	20

CAPÍTULO III: EUCARISTIA, EXEMPLO E FONTE DE PARTILHA.

3.1 - Eucaristia na Comunidade.....	22
3.2 - Fundamentações Escriturísticas	23
3.3 - Os Nomes Dados à Eucaristia.....	24
3.4 - Eucaristia na Igreja como Sacramento	26
3.5 - A Dimensão Epiklética no Culto.....	27
3.6 - A Dimensão Escatológica da Eucaristia.....	30
3.7 - A Dimensão da Auto-oferenda da Igreja.....	31

CAPÍTULO I - A EUCARISTIA NA SAGRADA ESCRITURA.

1.1 - As Celebrações no Antigo Testamento.

No Antigo Testamento nos momentos festivos a refeição era comemorada em torno da mesa. Encontramos em Êxodo, onde os judeus comeram o pão sem fermento (Ex 12,15) Pois é na refeição em comum que até estranhos se tornam amigos e é também em torno da mesa que percebemos contratos sendo selados, como no livro do Genesis, que encontramos nos acordos feitos entre Jacó e Labão (Gn 31,44-54). Neste período a refeição é tão importante que toma lugar na religião. A comunidade cristã celebrou a Eucaristia, no marco de uma ceia, ou pelo menos em relação com a refeição.¹ Em Moisés, o rito toma corpo em relação ao sacrifício que sela a Aliança entre o homem e Deus, onde Deus oferece suas leis tendo como centro a vida do próximo, ou seja, o compromisso do homem com Deus? “Ó Pai, que resumistes toda a lei no amor a Deus e ao próximo, fazei que, observando o vosso mandamento, consigamos chegar um dia à vida eterna. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.”²

1.2 - Ofertas a Deus.

O homem entendia que nas oferendas o que era válido era o odor. O senhor respirou o agradável odor e disse consigo: “Eu não amaldiçoarei nunca mais a terra por causa do homem, porque os desígnios do coração do homem são maus desde a sua infância, nunca mais destruirei todos os viventes” (Gn 8,21).

Porém o homem continuou com o holocausto de animais, persistindo nos abusos do banquete sagrado, como em Oseias “Quando Efraim multiplicou os altares, eles só lhe serviram para pecar. Ainda que eu escreva um grande número de minhas leis, elas são consideradas como algo estranho. Eles me oferecem em sacrifício oferendas assadas, eles comem sua carne, mas o Senhor não os aceitará. Agora ele se lembrará de suas faltas e castigará seus pecados: eles voltarão ao Egito.”(Os 8,11-13)

¹ - Cf. ALDAZÁBAL, José. A EUCARISTIA. Petrópolis, Vozes, 2002, p. 35.

² - Cf. MISSAL ROMANO - Oração do dia do XXV do Tempo Comum, p. 369.

1.3 - A Páscoa.

Encontramos narrativas da páscoa em Ex 12,1-20 e Dt 16,1-8, que faziam-se presentes nos pastores nômades com o intuito de afastar os maus espíritos de seus rebanhos e de suas famílias. Outros aspectos eram as ervas amargas que eram de fácil acesso no deserto, também os pães ázimos sem fermento tinham melhor conservação devido às altas temperaturas locais.³

No êxodo, o ritual adquire o sentido da memória do Deus vivo e libertador do povo oprimido do Egito, mas este mesmo Deus tem a atitude dos espíritos maus, mas é visto como justiceiro, pois pune os perversos e protege o desprezado. “A noite da Páscoa trás para si os fatos mais importantes da história de Israel: a criação do mundo, o nascimento e a morte dos patriarcas, o nascimento e o sacrifício de Isaac, a libertação do Egito, a vinda do Messias no futuro”.⁴ Pois esta volta ao passado trazia a certeza da ação de Deus na história de seu povo, de forma continua que resultaria em uma libertação definitiva e total. Uma grande reforma política e religiosa é marcada no tempo do Rei Josias, pois o povo vinha do longo reinado de Manasses que oprimia o povo e inserindo o paganismo. Porém Josias procura restabelecer a união das tribos. Durante os trabalhos de restauração do templo encontram o Livro da Lei no Templo, que provoca uma reforma religiosa que se resume em três aspectos: um só Deus, um só povo, um só santuário.⁵ Desta forma, Israel se dirigirá a Jerusalém para suas festas, formando uma rejeição aos santuários santificados pelos patriarcas. “Sacrificarás para o Senhor teu Deus uma Páscoa, ovelhas e bois, no lugar que o Senhor teu Deus houver escolhido para aí fazer habitar o teu nome” (Dt 16,2). Josias tinha o objetivo de unificar o povo para juntos celebrarem a Páscoa e também lembrassem a importância das Leis e da Aliança com Deus e com os homens.

1.4 - A Eucaristia no Novo Testamento.

A primeira abordagem que vamos fazer da Eucaristia no NT é do ponto de vista de sua fenomenologia. O livro Atos dos Apóstolos e os escritos de São Paulo nos dão notícia de que a comunidade cristã se reunia, no primeiro dia da semana, que depois se chamaria “domingo”, “dia do Senhor”, para celebrar o que eles chamavam “a fração do pão”, em obediência ao mandato do Senhor: “fazei isto em memória de mim”.

³ - Cf. VV. AA. A EUCARISTIA NA BÍBLIA. São Paulo, 1985, p. 23.

⁴ - Cf. VV. AA. A EUCARISTIA NA BÍBLIA, p. 24.

⁵ - Cf. VV. AA. A EUCARISTIA NA BÍBLIA, p. 25.

É bom deter-nos nestas primeiras notícias sobre a celebração da Eucaristia e seu espírito, para poder depois entrarmos em sua compreensão teológica nos escritos do NT. Pois todos os dados que temos sobre este sacramento nos vêm da comunidade, não diretamente do próprio Cristo, cuja voz não ouvimos.

Em Lucas encontramos alusões que podemos entender como referidas a Eucaristia, embora não tão claramente, pois é Lucas que fala de comida na história da primeira comunidade: At 1,4 (Jesus comendo com os discípulos); 9,19 (depois da conversão de Paulo); 10,41 (os que comeram e beberam com o Ressuscitado); 16,34 (jantar com o carcereiro convertido). Também acontece em seu evangelho: a multiplicação dos pães (contada com terminologia bem eucarística, como nos outros evangelistas); (refeição em casa de Levi ou de Zaqueu Lc 5,29) e a parábola do banquete do Reino. Também na casa de Zaqueu aparece no final da refeição, a menção “salvação”. As refeições são algo mais do que a conveniência em torno da mesa. Tem uma relação bem viva com Cristo Jesus e com seu corpo e sangue. Podemos afirmar que a ideia central de Lucas é a presença do Senhor ressuscitado, uma presença nova e misteriosa no meio dos seus e precisamente no contexto da Eucaristia.⁶

Por isso as aparições do Ressuscitado vêm frequentemente demarcadas por uma refeição: Emaús, ou no cenáculo, ou às margens do lago. E também algumas refeições do Jesus pós-pascal, como a multiplicação dos pães, são contadas com terminologia eucarística. Naturalmente todas as refeições ainda não são Eucaristias, que até Pentecostes não se concebem como possíveis. Mas são narradas com uma intenção catequética que parece evidente.⁷

⁶ - Cf. ALDAZÁBAL, José. A EUCARISTIA, p. 21-22.

⁷ - Cf. ALDAZÁBAL, José. A EUCARISTIA, p. 33.

Nem sempre a expressão “partir o pão” ou fração do pão aponta para uma celebração eucarística: depende do contexto em que se diz. Assim Paulo fala de “partir o pão”, em sentido claramente eucarístico, como comunhão com o corpo e sangue de Cristo, e Lucas nos conta em At 20 que a comunidade de Trôade se reuniu no primeiro dia da semana “para a fração do pão”, como também havia contado em Lc 24 como os discípulos de Emaús reconheceram na “fração do pão”. Trata-se do que depois passou a chamar-se “Eucaristia” e que Paulo também denomina “Ceia do Senhor”, mas que durante o primeiro século foi conhecida sobretudo como “a fração do pão”.

Também o tom eucarístico da reunião: no primeiro dia da semana, o domingo, a comunidade se congrega “para a fração do pão”. Para Lucas a Eucaristia está relacionada com uma intenção catequética que parece evidente, com a ressurreição do jovem e com o consolo da comunidade. O consolo não se deve só ao milagre da recuperação do jovem, mas aproxima-se do contexto da fração do pão por parte da comunidade. Porém, é difícil pensar que Lucas queira dizer-nos que ali se celebrou a Eucaristia. Nem o ambiente das pessoas, na maioria pagãos, nem o momento eram propícios para isso. Pode-se muito bem interpretar o fato como uma refeição normal: Paulo animaria os marinheiros a comer para reparar as forças. As ações que a nós nos parecem eucarísticas podem ser simplesmente as normais em toda refeição celebrada no ambiente religioso dos judeus. O relato parece indicar uma elaboração catequética de Lucas que, ao narrar como finalmente se salvou o navio, quer que seus leitores “recordem” a Eucaristia, exaltando ao mesmo tempo o papel protagonista do herói da história, Paulo. A sucessão de termos aponta claramente para a Eucaristia: salvação (soteria) tomou o pão, deu graças (eucharisteses), o partiu (klasas) e se pôs a comer. No caso do jovem morto, também aqui a Eucaristia é apresentada num contexto de vida e salvação, Esta vida e esta salvação podem ser entendidas no terreno biológico e humano, mas em Lucas existe certamente uma intenção catequética para o alimento sobrenatural, e por isso ele as relaciona com a Eucaristia, sobretudo no v. 33-36. Há um interessante paralelo com Lc 8, 22-25, quando Cristo, com sua presença física, acalma a tempestade e afasta o perigo. A salvação vem de Cristo, parece dizer Lucas, e Cristo se nos dá agora de modo especial na Eucaristia.⁸

⁸ - Cf. ALDAZÁBAL, José. A EUCARISTIA, p. 24-25-26.

Desde que Cristo inaugurou a nova era através de sua morte, os cristãos que não o conheceram em sua vida terrena e não o veem podem encontrar-se com ele e experimentar assim sua presença viva. E precisamente as três chaves – palavra, Eucaristia e comunidade – se concentram de modo privilegiado na celebração cristã por excelência, a fração do pão. Portanto, é uma catequese escrita para leitores que não conheceram pessoalmente a Jesus, mas que assiduamente já estão participando da Eucaristia. Ou seja, para nós.⁹

1.4.1 - Eucaristia visão dos primeiros cristãos.

O livro dos Atos e os escritos de São Paulo nos dão notícia de que a comunidade cristã se reunia, no primeiro dia da semana, que depois se chamaria “domingo”, “dia do Senhor”, para celebrar o que eles chamavam “a fração do pão”, em obediência ao mandato do senhor: “fazei isto em memória de mim”.¹⁰ Paulo, em sua Primeira epístola aos Coríntios, escrita por volta do ano 55, fala no cap.10,16 do “pão que partimos” e do “cálice de bênção que abençoamos”, e que ele afirma que são “comunhão com o corpo e sangue de Cristo”.

Paulo fala da “ceia do Senhor” como de algo já sabido, certamente não inventado em Corinto, mas recebido da tradição, e a relaciona com o mandato do Senhor de celebrá-la em sua memória.¹¹

Nas palavras tiradas da Última Ceia de Jesus. “Com efeito, eu mesmo recebi do Senhor o que vos transmiti: na noite em que foi entregue, o senhor Jesus tomou o pão e, depois de dar graças, partiu-o e disse”:

Isto é o meu corpo, que é para vós; fazei isto em memória de mim. Do mesmo modo, após a ceia, também tomou o cálice dizendo: Este cálice é a nova Aliança em meu sangue; todas as vezes que dele beberdes fazei-o em memória de mim. Todas as vezes, pois, que comeis desse pão e bebeis desse cálice, anunciais a morte do Senhor até que ele venha.¹²

Portanto, a Carta aos Coríntios é o texto mais antigo que narra sobre a Instituição da Eucaristia.

⁹ - Cf. ALDAZÁBAL, José. A EUCARISTIA, p. 33.

¹⁰ - Cf. ALDAZÁBAL, José. A EUCARISTIA, p. 21.

¹¹ - Cf. ALDAZÁBAL, José. A EUCARISTIA, p. 22.

¹² - Cf. BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo, Paulus, 2008, 1Cor 11,23-26

1.4.2 - Eucaristia no segundo milênio.

O futuro da Eucaristia na América Latina está ligado à opção pelos pobres. O simbolismo da partilha do pão é por si mesmo, altamente sugestivo em um mundo no qual são muitas as pessoas que não encontram lugar à mesa do banquete destinado a todos. Cristo quis fazer-se presente por meio de um simbolismo vital: a refeição. É impossível participar em verdade do pão eucarístico sem ter engajamento com os pobres que nos cercam. O futuro da Eucaristia depende da coerência com a qual se torna verdade em nossa vida quotidiana. E a verdade do simbolismo eucarístico se exprime pela partilha do dia-a-dia.¹³

Na esteira do concílio Vaticano II, a afirmação do pluralismo eclesial levou a temática da inculturação para a discussão teológica e para a prática pastoral. A Eucaristia que está no centro da Igreja, será necessariamente tocada pela inculturação, que significa mais do que alguns retoques rituais na venerável liturgia romana. Em certas regiões da América Latina, de identidades indígenas mais fortes, será necessário levantar a questão da matéria do sacramento. A Eucaristia foi instituída com o pão e o vinho, em um meio de cultura mediterrânea e no contexto da civilização do trigo.

Seria possível celebrar a Eucaristia com o beiju (torta de mandioca) e com a chicha (bebida fermentada feita de milho)? A inculturação não pode escapar a essa questão.

Na cultura mediterrânea, o pão era o alimento quotidiano de base; o vinho, a bebida das festas. Em outras culturas, outros alimentos e outras bebidas correspondem à mesma significação. A substância do sacramento seria preservada unicamente com o uso do pão e do vinho? O simbolismo da refeição não seria suficiente?

O problema da matéria do pão e do vinho não é somente latino-americano, mas também asiático e africano. Ele não é o único fator de inculturação, porque a Eucaristia não consiste somente na matéria consagrada, mas é também a grande ação de graças sobre o pão e o vinho por todos os benefícios de Deus, os quais culminam no mistério pascal da morte e ressurreição de Jesus.

¹³ - Cf. TABORDA, Francisco. O Futuro da Eucaristia visto da América Latina e do Caribe. In: BROUARD, Maurice. (Org.) EUCHARISTIA: Enciclopédia da Eucaristia, São Paulo, Paulus, 2006, p.953.

Tudo isso é expresso no decorrer da celebração eucarística por orações, por gestos e especialmente pela anáfora. Evidentemente a inculturação abrange todos esses elementos. Mas há mudanças que não levantam problemas teológicos tão grandes como a inculturação da matéria do sacramento. Há diversidade de ritos na Igreja, mas somente a celebração com o pão e vinho foi considerada legítima no decorrer dos séculos.¹⁴

1.4.3 - A Eucaristia em Santo Tomás de Aquino.

A visão “sacramental” de Santo Tomás abarca ao mesmo tempo a linguagem simbólica, cheia de significado, e a da eficácia da presença real. A presença de Cristo é real, ainda que sacramental. É sacramental, porém real. A linha principal de Santo Tomás é “a chave antropológico-sacramental, cheia de simbologia, realismo e dinamicidade”. Para a alta escolástica, Santo Tomás, a substância é a realidade metafísica de um ser. Mas não o aparente como aparente. Para a escolástica tardia a quantidade já se entende como substância. Portanto, quando se cunhou o termo transubstanciação, entendia-se por substância só a realidade metafísica: algo muito sutil, o que está além da física, do fenomênico, inclusive da quantidade.

Seus discípulos, depois, sublinham mais o real do que o sacramental. Quanto a ideia do sacrifício, Santo Tomás compreende a Eucaristia como a presencialização do sacrifício único de Cristo no memorial celebrado: a Eucaristia contém o próprio “Christus passus”, o Cristo que se entrega à morte. Para São Tomás, a Eucaristia é ao mesmo tempo comemoração da paixão de Cristo, sacramento prefigurativo da glória eterna e, no presente, sinal eficaz da graça que nos concede.¹⁵

1.4.4 - A Eucaristia em Trento.

Trento não disse tudo nem apresentou um tratado completo da Eucaristia, mas só o que interessava para responder às posturas teológicas de Lutero, Calvino, Zuínglio como também corrigir os abusos da prática eucarística. Trento tentou corrigir as múltiplas deficiências em torno da celebração eucarística, deixando de lado outros muitos aspectos deteriorados que afetavam a vida eclesial (escassa formação do clero, intromissão do poder civil, pouca dedicação dos bispos à pastoral etc.).¹⁶

¹⁴ - Cf. BROUARD, Maurice. (Org.) EUCHARISTIA, p. 954-955.

¹⁵ - Cf. ALDAZÁBAL, José. A EUCHARISTIA, p.188-189.

¹⁶ - Cf. ALDAZÁBAL, José. A EUCHARISTIA, p.190-191.

Trento se opôs às missas “privadas” em casas particulares que se multiplicavam por devoção pessoal, por memória de defuntos, ou por interesses econômicos e tentou colocar um freio à anarquia geral no modo de celebrar. Por falta de tempo, encarregou os bispos de colocar um limite aos abusos indicados em suas dioceses. De modo geral devemos reconhecer que a resposta de Trento a estes abusos não foi suficientemente enérgica e pastoral. Além disso, o concílio teve que enfrentar outro capítulo muito importante: as posturas de Lutero e Calvino, tanto no que diz respeito à celebração, como à teologia eucarística.

Quanto à celebração, os reformadores tomaram posições bem críticas, e expressas com radicalidade. A reserva eucarística e o culto eram considerados por eles como idolatria e como uma inovação que o NT não admitia. As redações anteriores apresentavam as três negações dos reformadores: que a presença de Cristo não permanece depois, que não é para ser adorada e, portanto, que não é para ser guardada. Apesar da excessiva ênfase que o culto havia adquirido nos séculos anteriores, o concílio defende a legitimidade básica do mesmo: “a presença de Cristo não se entende só durante a celebração, mas também depois, e é coerente o culto de adoração a Cristo, de modo que não se pode dizer que “seus adoradores são idólatras” ou que seja ilícito levar a eucaristia aos enfermos”.

Também afirmam os protestantes que as missas em que só comunga o sacerdote são ilícitas e devem ser abolidas. Trento responde com certa hesitação, que “o concílio desejaria certamente que em cada uma das missas os fiéis assistentes comungassem. A fim de que o fruto deste sacrifício chegasse mais abundante a eles”, mas se não o fizerem, seria exagero dizer que isso invalida a Eucaristia.¹⁷ Quanto à Eucaristia como sacrifício, foi principalmente Lutero que progressivamente radicalizou sua posição contrária. Para Lutero, a Eucaristia não é sacrifício, porque é memorial. Para Trento, a Eucaristia é sacrifício precisamente porque é memorial. Para Lutero, afirmar que a Eucaristia é sacrifício é uma ofensa e uma blasfêmia contra o valor e a unicidade do sacrifício de Cristo. Não podemos ser os protagonistas, oferecendo algo a Deus. O protagonismo é de Deus, por Cristo, concedendo-nos tudo a nós. O que cabe a nós é acolher este dom de Deus e, em todo caso, oferecer-lhe o sacrifício de nosso louvor e de nossa fé. A Eucaristia, para Lutero, é testamento, sacramento, bênção, ação de graças, mesa do Senhor, comunhão, mas nunca sacrifício.¹⁸

¹⁷ - Cf. ALDAZÁBAL, José. A EUCARISTIA, p.192-193.

¹⁸ - Cf. ALDAZÁBAL, José. A EUCARISTIA, p.196-197.

Em relação à presença real de Cristo na Eucaristia, foi negada por Calvino, enquanto que Lutero a afirmou firmemente, porque pertence à herança do NT. Para entender Calvino e sua negação da presença real temos que partir da cristologia. Ele acentua em Cristo sua humanidade que agora subiu à glória na ascensão e está à direita do Pai, e, portanto, não pode estar ao mesmo tempo em outros lugares. Acentua mais a teologia da ascensão do que a da encarnação, o “não-aqui” mais do que o “aqui”.

Para Calvino a Eucaristia é um sinal vazio: do céu, Cristo, por seu Espírito, nos atrai para si, nos comunica sua força salvadora. Na Eucaristia se dá não um movimento descendente - Cristo que desce ao pão e vinho, mas um movimento ascendente, porque ele nos eleva para si pelo Espírito. E faz isto não só pelo pão e pelo vinho, mas também pela palavra e pela oração. É a chave do “corações ao alto”, que não devemos entender só numa chave espiritualista, mas claramente “pneumática”, pelo Espírito.

Pois bem, o concílio acrescenta uma explicação. Há duas maneiras de presença: uma “natural”, que é a de Cristo à direita do Pai, e outra “sacramental” que também é real, e que é a que, de um modo difícil de expressar, cremos que é a de Cristo na Eucaristia.¹⁹ Em relação à transubstanciação Lutero nega como modo de explicar a presença real de Cristo na Eucaristia. Lutero para legitimar a presença real de Cristo no pão e no vinho, na qual crê firmemente, não apela, portanto, para a “conversão” que acontece nestes elementos, mas para a “ubiquidade” de Cristo, como Deus, para fazer-se presente onde quer. E no evangelho já nos disse, de uma vez por todas, que ele está realmente neste pão e vinho da Eucaristia. Mas para isto não é preciso recorrer a uma mudança substancial.

O que ele nega é que a Eucaristia possa servir para algo para o qual Cristo não a instituiu: pensou-a para “ser comida” e não para “ser adorada”.

Na resposta que Trento dá a Lutero, insiste-se na “conversão” admirável que acontece nos dons eucarísticos, sem chegar a “canonizar” absolutamente a transubstanciação como modo filosófico-teológico de explicar o modo da presença.²⁰

¹⁹ - Cf. ALDAZÁBAL, José. A EUCARISTIA, p. 202-203.

²⁰ - Cf. ALDAZÁBAL, José. A EUCARISTIA, p. 205-206.

CAPÍTULO II - EM TORNO DO VATICANO II

2.1 - A Celebração da Eucaristia.

A palavra Eucaristia em grego: εὐχαριστία - “reconhecimento, ação de graças” é uma celebração em memória da morte e ressurreição de Jesus Cristo. Também é denominada "comunhão", "ceia do Senhor" e "refeição noturna do Senhor".

No fim do século XIX e já no século XX, com o Movimento Litúrgico, entendido como processo de recuperação dos valores da vida litúrgica da comunidade cristã, foi preparada a grande reforma do Vaticano II, que resultou num grande esclarecimento e apoio para o tema eucarístico. Porém neste século, a Igreja foi redescobrimdo valores não tão claros ou empobrecidos nos últimos séculos. Tendo ajuda de movimentos bíblicos ecumênicos e das decisões dos papas, chegou-se a conclusão que a Eucaristia foi sendo cada vez melhor entendida e também celebrada.

Pio X iniciou a obra de recuperação com seus decretos sobre a comunhão frequente (1903), o jejum eucarístico para os enfermos (1906) e a precoce admissão das crianças à comunhão (1910).²¹ Mas foi no Concílio Vaticano II que tomou mais a sério a reforma da liturgia eucarística e também já celebramos os 40 anos da Constituição “Sacrosanctum Concilium” sobre a Sagrada Liturgia (SC), do Concílio Vaticano II, publicada no dia 03.12.1963. O segundo capítulo da “Sacrosanctum Concilium” trata especificamente da Eucaristia, sobre a qual estamos expondo neste capítulo o número 47 até 58. A Constituição Sacrosanctum Concilium sobre a Sagrada Liturgia (1963) no Concílio Vaticano II nos nºs 47 a 58 assinalou as ideias mestras sobre esta reforma tendo como características, a maior riqueza de leitura bíblica, a restauração da oração dos fiéis, a importância da homilia e a concelebração. Como também a admissão da língua vernácula e a comunhão sob as duas espécies. A língua vernácula propiciando a participação do povo na compreensão do rito e nas orações.

²¹ - Cf. ALDAZÁBAL, José. A EUCARISTIA, p. 211.

Esta compreensão tem seu ponto de partida pelo batismo que deriva da Eucaristia, pois é ela o próprio Cristo vivo que nutre esta comunhão. Pois todos os sacramentos estão intimamente ligados a Eucaristia, pois nascem dela e são celebrados nela.

Também a *Sacrosanctum Concilium 10*, vai dizer que:

A própria Liturgia, por seu turno, impele os fiéis que, saciados dos sacramentos pascais, sejam concordes na piedade; reza que conservem em suas vidas o que receberam pela fé; a renovação da Aliança do Senhor com os homens na Eucaristia solicita e estimula os fiéis para a caridade imperiosa de Cristo. Da Liturgia portanto, mas da *Eucaristia principalmente*, como de uma fonte, se deriva a graça para nós e com a maior eficácia é obtida aquela santificação dos homens em Cristo, e a glorificação de Deus, para a qual, como a seu fim, tendem todas as demais obras da Igreja.²²

Portanto a Constituição “Sacrosanctum Concilium”, embora não tenha um capítulo exclusivo sobre a eucaristia, vem nos expor dentro da liturgia o seu importante valor. Este presente está no sacrifício da missa, tanto na pessoa do ministro, “pois aquele que agora oferece pelo ministério dos sacerdotes é o mesmo que outrora se ofereceu na Cruz. Ele que prometeu: “Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, aí estarei no meio deles” (Mt 18,20).

2.2 - Compreensão Teológica da Eucaristia.

Sobre a Eucaristia, o Vaticano II não dedicou nenhum documento, somente um só capítulo da Sacrosanctum Concilium, e não a partir do enfoque doutrinal, mas da reforma. Mas que está cheio de alusões à Eucaristia como centro do mistério eclesial, como o número 10 já citado.²³ Outros documentos foram esclarecendo e enriquecendo algumas perspectivas fundamentais: a Lumen Gentium que completou a base eclesiológica da celebração.

²² - Cf. CONSTITUIÇÃO SACROSANCTUM CONCILIUM, 10, retirado do Compêndio do Concílio Vaticano II: constituições, decretos, declarações. Petrópolis, Vozes, 2000.

²³ - Cf. ALDAZÁBAL, José. A EUCARISTIA, p. 214-215.

Dando mais relevo que a Sacrosanctum Concilium ao sacerdócio batismal e ao protagonismo da comunidade, a Gaudium et Spes destacou no que diz respeito à Eucaristia, a missão da Igreja no mundo, conjugando assim melhor a relação da Eucaristia com o compromisso fraterno e serviçal dentro e fora da comunidade; a Presbyterorum Ordinis desenvolveu em páginas mais completas o que representa a Eucaristia na vida dos sacerdotes e da comunidade. Especialmente o número cinco, com o seguinte texto:

Deus, Santo e Santificador único, quis assumir homens como sócios e auxiliares Seus, para servirem humildemente à obra de santificação. Por isso é que os Presbíteros são consagrados por Deus pelo ministério do Bispo, feitos de modo especial participantes do sacerdócio de Cristo, para nas celebrações sagradas, agirem como ministros d'Ele, que na Liturgia exerce o seu múnus sacerdotal continuamente em nosso favor pelo Espírito Santo. Pois é pelo Batismo que introduzem os homens no povo de Deus; pelo sacramento da Penitência reconciliam os pecadores com Deus e a Igreja; pela Unção dos Enfermos aliviam os doentes; pela celebração sobretudo da Missa oferecem sacramentalmente o Sacrifício de Cristo. Toda vez porém que celebram um desses Sacramentos, como já atestou os primeiros tempos da Igreja S. Inácio Mártir, os Presbíteros se vinculam de diversos modos hierarquicamente ao Bispo, e assim tornarem presente em cada reunião dos fiéis. Os demais Sacramentos, como, aliás todos os ministérios eclesiais e tarefa apostólica, se ligam à Sagrada Eucaristia e a ela se ordenam. Pois a Santíssima Eucaristia contém todo o bem espiritual da Igreja, a saber, o próprio Cristo, nossa Páscoa e pão vivo, dando vida aos homens, através de sua Carne vivificada e vivificante pelo Espírito Santo. Desta forma são os homens convidados e levados a oferecer os seus trabalhos e todas as coisas criadas, junto com Ele. Assim a Eucaristia se apresenta como fonte e ápice de toda a evangelização. Onde os catecúmenos são introduzidos pouco a pouco no mistério da Eucaristia, e os fiéis, uma vez assinalados pelo santo batismo e confirmação, acabam por inserir-se plenamente pela recepção da Eucaristia no Corpo de Cristo.²⁴

²⁴ - Cf. DECRETO PRESBYTERORUM ORDINIS 5, retirado do Compêndio do Concílio Vaticano II: constituições, decretos, declarações. Petrópolis, Vozes, 2000.

Diante dos desequilíbrios acumulados nos últimos séculos: volta à comunhão, e com pão consagrado na própria missa, e o altar voltado para o povo. Portanto, se houve um deslocamento não de todo feliz na compreensão da Eucaristia “da mesa ao altar e do altar ao sacrário” da comunhão a adoração, pois agora é dada prioridade à mesa ao altar e a comunhão, se do pão se havia passado à hóstia, agora se potencia o pão partido como matéria significativa do sacramento.

Se o sacerdote havia suplantado de alguma maneira o papel protagonista da comunidade, entende-se agora a assembleia como celebrante, presidida pelo sacerdote que faz às vezes de Cristo. O Vaticano II, seguindo a linha de Trento, enfoca a Eucaristia em sua relação memorial com a cruz. Tornando mais visível a relação entre as chaves de sacrifício e sacramento.²⁵

Pois esta distinção da presença sacramental de Cristo permanece ainda depois da celebração sacrificial. Porém houve exagero ao longo da história, não levando em conta a sua mútua relação. Sendo considerada a Eucaristia, por um lado como sacrifício e, por outro como sacramento. Sendo agora corrigida como citamos:

- Instituiu o sacrifício eucarístico de seu corpo e sangue. Pois ele perpetua pelos séculos, até que volte o sacrifício da cruz, confiando a esta Igreja, sua dileta Esposa, o memorial de sua morte e ressurreição conforme (SC 47) que diz. “Na Última Ceia, na noite em que foi entregue, nosso Salvador instituiu o Sacrifício Eucarístico de Seu Corpo e Sangue. Por ele, perpetua pelos séculos, até que volte, o Sacrifício da Cruz, confiando destarte à Igreja, Sua dileta Esposa, o memorial de Sua Morte e Ressurreição: sacramento de piedade, sinal de unidade, vínculo de caridade, banquete pascal em que cristo nos é comunicado em alimento, o espírito é repleto de graça e nos é dado o penhor da futura gloria.”
- Celebrando a Eucaristia, na qual se torna novamente presente a vitória e o triunfo de sua morte (SC 6).

²⁵ - Cf. ALDAZÁBAL, José. A EUCARISTIA, p. 216.

- Unem os votos dos fiéis ao sacrifício de sua cabeça e, até a volta do Senhor, reapresentam e aplicam no sacrifício da missa o único sacrifício do Novo Testamento, isto é, o sacrifício de Cristo que como hóstia imaculada uma vez se ofereceu ao Pai (LG 28).
- Celebrando a Eucaristia, renovamos continuamente a aliança em Cristo, atualizamos e exercemos o acontecimento da cruz.(Cf. SC 6.10; PO 13; LG 3).²⁶

Na Eucharisticum Mysterium nº 3 vai dizer que a Eucaristia é sacrifício enquanto é sacramento do único sacrifício de Cristo. Mediante a comunhão em seu corpo e sangue, celebramos memorial da cruz enquanto comemos e bebemos desse corpo entregue e desse sangue derramado. Pois tudo isto é visto a partir da perspectiva do sacramento e do sinal (nº 4). O Vaticano II, embora resguardando esta doutrina, a amplia enfatizando o Espírito Santo e a comunidade cristã. O papel ativo de Cristo fica explícito, porque é ele que oferece a Eucaristia. Os presbíteros são seus representantes, seus sinais e sacramentos. “Feitos de modo especial participantes do sacerdócio de Cristo, para nas celebrações sagradas agirem como ministro dele, que na liturgia exerce continuamente seu múnus sacerdotal em nosso favor pelo seu Espírito.” (PO 5)

Além do papel dos ministros ordenados, que também se expressam claramente, a nova literatura, oficial ou não dos livros litúrgicos e de maneira bastante decidida na participação ativa de toda a comunidade na celebração e na oferenda da Eucaristia aprendam a oferecerem-se a si próprios oferecendo a hóstia imaculada, não só pelas mãos do sacerdote, mas também juntamente com ele (cf. SC 48); os fiéis em virtude de seu sacerdócio régio concorrem na oblação da Eucaristia (cf. LG 10), participando do sacrifício eucarístico, fonte e ápice de toda a vida cristã, oferecem a Deus a vítima divina e com ela a si mesmos (cf. LG 11). A chave dominante é a Eucaristia, como celebração comunitária do memorial do Senhor. É conhecido de todos com quanto amor os cristãos orientais realizam as cerimônias litúrgicas, principalmente a celebração eucarística, fonte da vida da Igreja e penhor da futura glória, pela qual os fiéis unidos ao bispo têm acesso a Deus Pai mediante o Filho, o Verbo encarnado, morto e glorificado na efusão do Espírito Santo, e conseguem a comunhão com a Santíssima Trindade, feitos participantes da natureza divina (cf. 2Pd 1,4).

²⁶ - Cf. ALDAZÁBAL, José. A EUCARISTIA, p. 216-217.

Por isso, pela celebração da Eucaristia do Senhor, em cada uma dessas Igrejas a Igreja de Deus é edificada e cresce, e pela concelebração se manifesta a comunhão entre elas pelo ecumenismo, e na conversão interior (cf. *Unitatis Redintegratio* nº15).

O Senhor deixou para os seus um penhor desta esperança e um viático para esta caminhada, aquele sacramento de fé, no qual os elementos da natureza, cultivados pelo homem, se convertem no corpo e sangue glorioso, na ceia da comunhão fraterna e prelibação do banquete celeste (GS 38b).²⁷

2.3 – Eucaristia, Centro da Vida Cristã e do Apostolado.

Falaremos sobre alguns documentos que irão elencar esta proposta Eucarística, como veremos. “A renovação da Aliança do Senhor com os homens na Eucaristia atrai e instiga os fiéis à urgente caridade de Cristo. Portanto, da liturgia, principalmente da Eucaristia, deriva para nós a graça, como de uma fonte, pois é obtida com máxima eficácia aquela santificação dos homens em Cristo e a glorificação de Deus, a qual, como para seu fim, todas as outras obras da Igreja se direcionam”.²⁸ “A quem o Pai santificou e por amor enviou ao mundo (Jo 10,36), faz todo o seu corpo místico participar da unção do Espírito pela qual Ele foi ungido. Pois nele os fiéis todos se tornam um sacerdócio santo e régio, oferecem a Deus hóstias espirituais por Jesus Cristo, e anunciam as virtudes daquele que das trevas chamou para a luz admirável. Não existe assim membro que não tenha parte na missão de todo o Corpo. Portanto, cada qual deve pelo contrário tratar santamente a Jesus em seu coração e num espírito de profecia dar testemunho sobre Jesus”.²⁹ “Por fazerem, no sacrifício da missa, as vezes da pessoa de Cristo, que se entregou pelos homens, os presbíteros “são convidados a imitar aquilo que realizam, a procurarem mortificar seus membros fugindo dos vícios e das concupiscências, já que celebram o mistério da morte do Senhor” (PO 13). Outro ponto importante é o ecumenismo, um dom do Espírito Santo e um caminho obrigatório para a Igreja. No decreto sobre o ecumenismo *Unitatis Redintegratio*, do Concílio Ecumênico Vaticano II foi percorrido um longo e frutuoso caminho entre Igrejas e comunidades eclesiais, com o intuito de trazer os vínculos de unidade, já existentes em diversos âmbitos cujo pano de fundo é a plena união em vista da celebração comum da Eucaristia.

²⁷ - Cf. ALDAZÁBAL, José. A EUCARISTIA, p. 219.

²⁸ - Cf. *Sacrosanctum Concilium* 10

²⁹ - Cf. *Presbyterorum Ordinis* 2

Pois nesta obra irrenunciável, existem especiais relações com as Igrejas orientais, mesmo sem terem plena comunhão, a Igreja católica reconhece a validade do seu sacramento da Eucaristia.

Diz o Concílio Vaticano II “Na última ceia, na noite em que foi entregue, nosso Salvador instituiu o Sacrifício Eucarístico de Seu Corpo e Sangue. Por ele, perpetua pelos séculos, até que volte o Sacrifício da Cruz, confiando destarte à Igreja, Sua Dileta Esposa, o memorial de Sua Morte e Ressurreição: sacramento de piedade, sinal de unidade, vínculo de caridade, banquete pascal, em que Cristo nos é comunicado em alimento, o espírito é repleto de graça e nos é dado o penhor da futura glória” (SC 47).

2.4 - Reforma do Vaticano II.

A vivência eucarística da Igreja está hoje claramente marcada pela reforma encomendada pelo Vaticano II e realizada nos anos seguintes. Passados sete anos desde a promulgação da constituição sobre a liturgia, foi publicado o novo Missal (1970). Mas, um ano antes, em 1969, deu-se a conhecer a “*Institutio Generalis*” do Missal Romano (IGMR), que é como que um diretório litúrgico-pastoral da Eucaristia. Em 1975 foi feita a nova edição, revisada do Missal e de sua introdução.³⁰

A linguagem do novo Missal, sobretudo em sua introdução, marca uma evolução na compreensão teológica da Eucaristia, seguindo as linhas do concílio, e também um novo estilo na própria celebração: A presença de Cristo e seu protagonismo em toda a ação, a prioridade da palavra de Deus, a compreensão da assembleia como o sujeito celebrante e a finalidade pastoral de toda a estrutura, para favorecer uma participação mais ativa e consciente de todos na Eucaristia. O aparecimento da IGMR em 1969 suscitou controvérsias, sobretudo da ala conservadora. Punha-se em dúvida a ortodoxia do documento.

Os pontos principais em litígio foram o papel do presidente na celebração, porque alguns acharam exagerada a ênfase na assembleia e pouco o relevo no caráter ministerial do sacerdote; alguns acharam que a ideia da Eucaristia como sacrifício ficou obscurecida nos novos textos; via-se pouca convicção na presença real de Cristo nas espécies eucarísticas (por exemplo, pela supressão de algumas genuflexões); notava-se um maior uso da terminologia “protestante”, como falar da “ceia do Senhor” ou do “memorial”.

³⁰ - Cf. ALDAZÁBAL, José. A EUCARISTIA, p. 386.

Na primeira edição típica de 1970, Paulo VI quis que se acrescentasse um proêmio, que permaneceu para sempre. Nele afirma claramente que a Igreja foi fiel à tradição e que o Vaticano II representa uma continuidade das ideias de Trento, embora algumas delas não pudessem ter sido levadas a termo pelo próprio Trento, em vista das circunstâncias históricas, e sim pelo atual concílio e sua consequente reforma.³¹

Os aspectos teológicos do novo Missal que ele define como ortodoxo neste proêmio são o do sacrifício da natureza do sacerdócio ministerial, da fé na presença real e da legitimidade de todas as reformas introduzidas. Na segunda edição típica do Missal latino, em 1975 foram feitas várias correções, sobretudo para incorporar algumas novidades que nesse intervalo de tempo haviam aparecido, por exemplo, novas missas rituais ou votivas, ou a mudança dos ministérios. Posteriormente houve outros momentos em que o texto do documento foi sendo aperfeiçoado. Por ocasião da nova edição do *Ordo Lectionum Missae* (OLM), em 1981, redigiu-se uma introdução mais rica que motiva melhor os diversos aspectos da celebração da Palavra. Ao aparecer o novo código de direito canônico, em 1983.³²

³¹ - Cf. ALDAZÁBAL, José. A EUCARISTIA, p. 387.

³² - Cf. ALDAZÁBAL, José. A EUCARISTIA, p. 388-389.

CAPÍTULO III - EUCARISTIA, EXEMPLO E FONTE DE PARTILHA.

3.1- Eucaristia na comunidade.

A Igreja recebeu a Eucaristia de Cristo seu Senhor, não como um dom, embora precioso, entre muitos outros, mas como o Dom por excelência, porque dom d'Ele mesmo, da sua Pessoa na humanidade sagrada, e também da sua obra de salvação.³³ Não há nada de mais belo do que ser alcançado, surpreendido pelo Evangelho, por Cristo. Não há nada de mais belo do que conhecê-lo e comunicar aos outros a amizade com Ele. Essa afirmação cresce de intensidade, quando pensamos no mistério eucarístico; com efeito, não podemos reservar para nós o amor que celebramos nesse sacramento, por sua natureza, pede para ser comunicado a todos. Aquilo de que o mundo tem necessidade é do amor de Deus, é de encontrar Cristo e acreditar nele. Por isso a Eucaristia é fonte e ápice não só da vida da Igreja, mas também de sua missão: “Uma Igreja autenticamente eucarística é uma Igreja missionária”. Havemos também nós, de poder dizer com convicção aos nossos irmãos: “Nós vos anunciamos o que vimos e ouvimos, para que estejais em comunhão conosco” (1Jo 1,2-3). Verdadeiramente não há nada de mais belo do que encontrar e comunicar Cristo a todos! Alias, a própria instituição da Eucaristia antecipa aquilo que constitui o cerne da missão de Jesus: ele é o enviado do Pai para a redenção do mundo (cf. Jo 3,16-17; Rm 8,32). Na Última Ceia, Jesus entrega aos seus discípulos o sacramento que atualiza o sacrifício que ele, em obediência ao Pai, fez de si mesmo pela salvação de todos nós. Não podemos abeirar-nos da mesa Eucarística sem nos deixarmos arrastar pelo movimento da missão que, partindo do próprio Coração de Deus, visa atingir todos os homens; assim, a tensão missionária é parte constitutiva da forma eucarística da existência cristã.³⁴

Como respostas às exigências da evangelização, junto com as comunidades eclesiais de base, existem outras formas válidas de pequenas comunidades, inclusive redes de comunidades, de movimentos, grupos de vida, de oração e de reflexão da palavra de Deus.

³³ - Cf. JOÃO PAULO II. Carta Encíclica ECCLESIA DE EUCHARISTIA. Sobre a Eucaristia na sua relação com a Igreja. Em seu primeiro cap. sobre “Mistério da Fé”, no segundo parágrafo deste capítulo. São Paulo: Paulinas, 2003.

³⁴ - Cf. BENTO XVI. Exortação Apostólica Pós-Sinodal SACRAMENTUM CARITATIS. Sobre a Eucaristia, fonte e ápice da vida e da missão da Igreja. São Paulo, 2007, 84 p.123.

Todas as comunidades e grupos eclesiais darão fruto na medida em que a Eucaristia for o centro de sua vida e a Palavra de Deus for o farol de seu caminho e de sua atuação na única Igreja de Cristo.³⁵

Também Maria está inserida neste contexto eucarístico. Entre todos os santos, a santíssima Virgem Maria resplandece como modelo de santidade e de espiritualidade eucarística. Na tradição viva da Igreja, o seu nome é recordado com veneração em todas as anáforas da santa missa. Maria está de tal maneira ligada ao mistério eucarístico que mereceu que o papa João Paulo II, na encíclica *Ecclesia de Eucharistia*, no Capítulo VI, parágrafo 53 justamente a chamasse de “Mulher eucarística” Maria viveu em espírito eucarístico, ainda antes de esse sacramento ser instituído, pelo fato de ter oferecido o seu seio virginal à encarnação do Verbo de Deus. Como a Virgem Maria, também a Igreja torna presente o Senhor Jesus por meio da celebração da Eucaristia, para dá-lo a todos, a fim de que tenham a vida em abundância (cf. Jo 10,10).

3.2 - Fundamentações Escriturísticas.

As fundamentações escriturísticas, são as que se referem à dimensão sacrificial da Eucaristia. Temos apenas de nos reportar às palavras nos sinóticos e em Paulo, relendo a promessa narrada por João 6,51, assim saberemos que a intenção sacrificial não é uma invenção da Igreja.

Desta forma não há dúvida alguma de que narrando as palavras da instituição que foi transmitida da tradição, Paulo subentende a intenção sacrificial ali representada:

Na noite em que foi entregue, o Senhor Jesus tomou o pão e, depois de dar graças, partiu-o e disse: “Isto é o meu corpo, que é para vós; fazei isto em memória de mim”. Do mesmo modo, após a ceia, também tomou o cálice, dizendo: “Este cálice é a nova aliança em meu sangue; todas as vezes que dele beberdes, fazei-o em memória de mim”.³⁶

A versão de Lucas em relação a Paulo é mais clara nos seus escritos. Pois onde Paulo relata : “Isto é o meu corpo, que é para vós; Lucas vai indicar “Isto é o meu corpo que é dado por vós” (Lc 22,19) Desta forma o corpo não é somente dado em alimento, mas dado em sacrifício a todos.

³⁵ - Cf. DOCUMENTO DE APARECIDA. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo, 2008,180.

³⁶ - Cf. NADEAU, Marie Thérèse. EUCARISTIA MEMÓRIA E PRESENÇA DO SENHOR. São Paulo, 2005, p. 57.

O verbo “dar ” no Novo Testamento, também utilizado por Jesus para designar o seu sacrifício: “Pois o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate de muitos” (Mc 10,45; Mt 20,28). Lucas a respeito do cálice diz: “Este cálice é a nova aliança em meu sangue, que é derramado em favor de vós (Lc 22,20). E Paulo somente diz de uma nova aliança em meu sangue. Teria Lucas o desejo de completar a fórmula breve demais de Paulo.

3.3 - Os nomes dados à Eucaristia.

Ao longo da história foram dados vários nomes à Eucaristia. No Novo Testamento não aparece nitidamente o nome, mas todos os escritos nos encaminha para a riqueza inesgotável deste sacramento, que exprime-se nos diversos nomes que lhe são dados, elencamos assim seus aspectos:

- **Fração do pão** (klasis tou artou): Em At e em Lc os discípulos o reconheceram na fração do pão. Era o primeiro gesto da ceia judaica, por parte do pai de família. Depois converteu-se em algo típico cristão. Deu o nome à celebração inteira “reunidos, no primeiro dia da semana, para a fração do pão”. “O do pão” sem nomear o vinho deve ser entendido pela figura literária da “parte pelo todo”. Porém o Missal atual insiste em que na verdade se dê na comunhão “pão partido”, e não se utilizem hóstias pequenas, a não ser em casos de necessidade: (cf. IGMR 48.56.283).
- **Ceia do Senhor** (kyriakon deipnom). Paulo dá este nome a Eucaristia em 1Cor 11,20. Semelhante à Mesa do Senhor (“trapeza tou Kyriou”): 1Cor 10,21. É a mesa e a refeição à qual nos convida o Senhor ressuscitado.
- **Eucaristia** (“eucharistia”, ação de graças). É o nome que Santo Inácio lhe dava no princípio do século II. Mas que já nos relatos da última ceia se diz que Jesus pronunciou a ação de graças sobre o pão e o vinho (“eucharistein ”, “eulogein”). É o nome que assinala sobretudo a oração central da missa: a oração eucarística”.
- **Sinaxe** (do grego “Syn-ago”, donde também vem “sinagoga”) ação comunitária. No latim se traduz por “collecta”, ação de uma comunidade reunida.

Expressão condensada de toda Igreja.

Dominicum: no norte da África, no ano 304, o leitor Emérito, em cuja casa se realizou a reunião eucarística, afirmou diante do juiz: “sine dominico non possumus”, sem “o senhorial”, sem a celebração do dia do Senhor; que era a Eucaristia, não podiam subsistir no meio de uma sociedade hostil e pagã.

- **Actio:** ação, celebração. Daí passou a terminologia usada nos sacramentários: “incipit canon actionis”, ou “infra actionem”.
- **Oblação sacrifício** (“thysia, prosfora, sacrificium, oblatio) Do termo oferecer (offerre), terminologia sacrificial já empregada por Tertuliano e Cipriano, nos séculos II e III. Está relacionada com o “sacrifício puro”, anunciado por Malaquias. Depois se chamará claramente “o santo sacrifício da missa”. Em relação com esta perspectiva, chama-se a Eucaristia de “memorial” do Senhor ou da morte pascal do Senhor.
- **Liturgia**, sobretudo no Oriente, às vezes é sinônimo de Eucaristia: liturgia de São João Crisóstomo, “santa e divina liturgia.” É certamente o ponto mais alto da celebração litúrgica na comunidade eclesial. Também é chamada “sancta mysteria”, os “sagrados mistérios”.
- Officium, ofício: a função”, o “serviço”, a “celebração” (as funções da Semana Santa), “Gottesdienst” em alemão (serviço, culto de Deus).³⁷
- **Missa**, do latim “mittere”, enviar. Desde Santo Isidoro de Sevilha, interpretou-se como “enviar”(mittere), no sentido de despedir, e refere à despedida final: “ite, missa est”. Agostinho, diz que são despedidos os catecúmenos, enquanto permanecem os fiéis: “post sermonem fit missa catechumenorum, manebunt fideles”. Imediatamente passou a ser o nome de toda a ação, não só de seu final. “Celebrar a missa” (“missam facere, offerre”) começou a ser sinônimo de “celebrar a Eucaristia”.

Mas o enviar pode ser entendido em outro sentido: elevar louvores e súplicas a Deus, oferenda sacrificial. Assim se entendem, já no século IV, como a frase de Ambrosio (missam facere coepi- comecei a fazer a missa).

O Catecismo da Igreja Católica prefere a acepção de “missa” como envio, mas com uma tonalidade mais de “missão” do que de “despedida”, a maneira dos missionários: missa, porque a liturgia na qual se realizou o mistério da salvação termina como envio dos fiéis, para que cumpram a vontade de Deus na sua vida cotidiana.³⁸

³⁷ - Cf. ALDAZÁBAL, José. A EUCARISTIA, p. 173-174.

³⁸ - Cf. ALDAZÁBAL, José. A EUCARISTIA, p. 175.

3.4 - Eucaristia na Igreja Como Sacramento.

A Eucaristia é também o sacrifício da Igreja.³⁹ Celebrando a eucaristia, a Igreja sempre quis obedecer ao mandamento de Cristo: “fazei isto em memória de mim”. Consideremos a última ceia: o que ele fez nela aparentemente era um rito que estava em estreita ligação com a Páscoa antiga, mas que a superava, porque lhe dava conteúdo novo, fazendo dela, em virtude do seu sacrifício pessoal, o rito que se referia à libertação de todos os homens e à sua aliança com Deus. E, na verdade, a Igreja aprendeu da última ceia de Cristo o rito que ela chamou de “Ceia do Senhor” e “Eucaristia”, porque nela existem pão para ser comido e vinho para ser bebido, e uma oração chamada exatamente “Eucaristia”.⁴⁰ Depois de ordenar-lhes que “tomassem e comessem aquele pão e bebessem aquele vinho”, mandou-lhes que também no futuro, “todas as vezes que comessem daquele pão e bebessem daquele cálice, o fizessem em memória dele”. Os discípulos deviam, pois, por ordem explícita de Cristo, fazer o que ele fizera. Bastará fazer novamente o gesto ritual, que, à primeira vista, é o que aparece na ação de Cristo, na persuasão de que este rito, em virtude de sua ordem e de sua palavra, nele repetidas, ao tornar presentes seu corpo e seu sangue, confere atualidade salvífica ao sacrifício de sua morte na cruz.⁴¹

É pelo sacerdócio de Cristo que a Igreja se modela. Como Cristo foi sacerdote, ou seja, oferente de si mesmo, em virtude do seu “sacrifício espiritual”, do mesmo modo o é a Igreja: ela não pode oferecer senão a si mesma. Mas esta auto-oferta, para ser digna do Pai, deve passar pelas mãos e pelo sacrifício do sumo sacerdote, Cristo. É o que acontece na eucaristia, que, rerepresentando-nos o sacrifício oferecido uma vez por todas por Cristo, põe em perene exercício o seu sacerdócio, visto que é por meio dele que o “sacrifício espiritual” dos cristãos, inserido no dele, recebe a dignidade que o torna agradável a Deus. Isto explica por que a eucaristia é sempre “por Cristo, com Cristo e em Cristo”.⁴²

³⁹ - Cf. CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo, 2000, 1368 - A Igreja, que é o corpo de Cristo, participa da oferta da sua cabeça. Com Cristo, ela mesma é oferecida inteira. Ela se une à sua intercessão junto ao Pai por todos os homens. Na Eucaristia, o sacrifício de Cristo se torna também o sacrifício dos membros do seu corpo. A vida dos fiéis, seu louvor, seu sofrimento, sua oração, seu trabalho, são unidos ao de Cristo e à sua oferta total, e adquirem assim um valor novo. O Sacrifício de Cristo presente no altar dá a todas as gerações de cristãos a possibilidade de estarem unidos à sua oferta.

⁴⁰ - Cf. VV.AA. A Eucaristia. Teologia e história da celebração. (Col. Anámnese 3). São Paulo, Paulus, 1987, p. 197.

⁴¹ - Cf. VV.AA. A Eucaristia. Teologia e história da celebração, p. 198.

⁴² - Cf. VV.AA. A Eucaristia. Teologia e história da celebração, p. 202.

3.5 - A Dimensão Epiklética no Culto.

O sentido essencial da expressão epiklesis, como a própria etimologia da palavra sugere, trata-se de uma invocação (de epi-kaleo, in vocare, chamar sobre).

Na realidade toda a oração é uma invocação a Deus. Mas neste momento explicitamos o pedido, como também fazemos na oração central de outros sacramentos: sobre a água batismal, sobre o crisma da confirmação ou sobre os ordenados nos ministérios. A esse mesmo Deus, a quem louvamos e damos graças pelo que fez na história da salvação, e, sobretudo no momento central de Cristo, pedimos que hoje e aqui continue atuando por seu Espírito.⁴³

No Ocidente (e em algumas anáforas do tipo alexandrino) temos duas epicleses: uma sobre o pão e o vinho (“sobre estes dons”, “sobre a oferenda de vossa Igreja”) para que o Espírito de Deus os transforme no corpo e sangue de Cristo (“para que faça [...] para que abençoe [...] santifique [...] transforme”: “poiein”, “metapoiein”, “hagiazerein”), e outra sobre a comunidade que celebra e que vai participar destes dons eucaristizados, para que o Espírito também a transforme e faça dela “um só corpo e um só espírito”. São portanto, uma epiclese “pré-consecratória” e outra “pós-consecratória”. Uma epiclese “de consagração” e outra “de comunhão”. No resto das anáforas orientais, e na liturgia hispânica, as duas invocações são seguidas, depois do relato e do memorial.

Ambas as perspectivas têm bom sentido, embora alguns prefiram a ordem lógica do uso oriental e hispânico: nestas orações, o Espírito é invocado depois do louvor ao Pai e do memorial da obra salvadora de Cristo, incluída a memória de sua ceia e de sua morte pascal. Neste caso a força vivificadora do Espírito é invocada unitariamente, sobre os dons e sobre a comunidade, aproximando também a oração à comunhão sacramental, que vai ser seu apogeu. Mas tem também pleno sentido invocar o Espírito imediatamente antes de lembrar as palavras e as ações de Cristo na última ceia, dando assim a este relato um tom não tanto de recordação ou comemoração, mas de invocação, para que o memorial adquira o sentido denso e atualizador do conceito.⁴⁴

⁴³ - Cf. ALDAZÁBAL, José. A EUCARISTIA, p. 262.

⁴⁴ - Cf. ALDAZÁBAL, José. A EUCARISTIA, p. 263.

É o caso das anáforas alexandrinas, do cânon romano e de todas as novas orações eucarísticas atuais do Missal Romano. “Rogamus ergo te, Pater clementissime, ut Spiritum Sanctum emittas, qui haec dona Panis et vini sanctificet, ut nobis corpus et sanguis fiant Domini nostri Iesu Christi. - Nós vos suplicamos, Pai de bondade, que envieis o vosso Espírito Santo para santificar estes dons do pão e do vinho, a fim de que se tornem para nós o corpo e o sangue de nosso Senhor Jesus Cristo”.⁴⁵ “A Igreja tem mantido a imposição das mãos como um sinal da efusão onipotente do Espírito Santo na epíclese sacramental.” Na epíclese de cada sacramento, Cristo Igreja exprime a sua fé no poder do Espírito. Todavia a epíklesis a Igreja pede ao Pai que envie seu Espírito Santo, sobre o pão e o vinho, para que se tornem, por seu poder, o Corpo e o Sangue de Jesus Cristo, e para aqueles que tomam parte na Eucaristia sejam um só corpo e um só espírito.⁴⁶

- A epíclese sobre a comunidade.

Pede-se a Deus que, por meio de seu Espírito, conceda à comunidade que está celebrando, a memória da páscoa de Cristo, e que vai participar de sua doação sacramental, os frutos do sacramento: o amor, a vida e a unidade. O efeito principal é o da unidade:

“sejam reunidos [...] num só corpo” (II),

“e nos tornemos em Cristo um só corpo e um só espírito” (III),

“reunidos pelo Espírito Santo num só corpo” (IV),

“o Espírito nos una num só corpo”(V),

“concedei que, pela força do Espírito do vosso amor, sejamos contados [...] entre os membros do vosso Filho” (VI em todas as suas variantes),

“renovai, Senhor, à luz do Evangelho, a vossa Igreja. Fortalecei o vínculo da unidade [...]” (VI-A),

“fortalecei, Senhor, na unidade os convidados a participar da vossa mesa” (VI-B),

“santificai-nos pelo Espírito e concedei que nos tornemos semelhantes à imagem de vosso Filho.

⁴⁵ - Cf. MISSAL ROMANO, Oração Eucarística VI

⁴⁶ - Cf. CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 1353.

Fortalecei-nos na unidade, em comunhão com o nosso papa e o nosso bispo” (VI-C),

“conduzi a vossa Igreja à perfeição na fé e no amor [...]”(VI-D),

“fazendo-os participar no único sacrifício de Cristo. Pela força do Espírito Santo, todos se tornem um só corpo bem unido no qual todas as divisões sejam superadas” (I Reconciliação),

“deixai-nos aproximar desta mesa para receber o corpo e o sangue do vosso Filho. Pedimos que o Espírito Santo nos ajude a viver unidos na alegria” (I Crianças), “concedei-nos o Espírito de amor. Nós que participamos desta refeição, fiquemos sempre mais unidos na vossa Igreja” (II Crianças), “vos nos chamastes, ó Pai do céu, para que nesta mesa recebamos o corpo de Jesus, na alegria do Espírito Santo. Assim alimentados, queremos agradar-vos sempre mais”(III Crianças).⁴⁷

Se a primeira epíclese pedia a verdade do corpo eucarístico de Cristo, agora se tem em vista o que podemos considerar como finalidade última do sacramento: a construção e maturação do corpo eclesial de Cristo. E pedimos a Deus ambas as transformações, invocando a vinda de seu Espírito. A finalidade última da eucaristia é que a comunidade que a celebra, participando nesse pão, que se converteu no corpo de Cristo, seja ela mesma corpo único e unido de Cristo. O Espírito transforma o pão e o vinho para, através deles, transformar a comunidade e fazê-la crescer e amadurecer em união com Cristo.⁴⁸

- O sentido da epíclese

Não é a comunidade que dispõe de Deus, por mais sagradas que sejam suas palavras e ações, mas sim “se coloca à disposição” de Deus e de sua iniciativa. A ele, que é Santo, pedimos que santifique estes dons e a comunidade. Uma vez que os céus e a terra estão “cheios” de sua glória, nós lhe pedimos que “replete”(“implet, replet”) de seu Espírito nossa Eucaristia. Porém, o que é decisivo é que nossa atitude seja de súplica humilde e confiante, convencidos de que é Deus que atua.

⁴⁷ - Cf. ALDAZÁBAL, José. A EUCARISTIA, p. 267

⁴⁸ - Cf. ALDAZÁBAL, José. A EUCARISTIA, p. 268.

A epiclese nos faz confessar que é o Espírito que santifica, transforma, que dá a vida. E aquele que atua sobre a comunidade comungante é também quem anima e dá à comunidade eclesial capacidade de união e impulso missionário e de compromisso no meio da sociedade.

A explicação da epiclese do Espírito nas novas orações eucarísticas, a partir de 1968, é um claro sintoma deste redescobrimento do Espírito, corrigindo assim o que se poderia chamar de um excessivo cristocentrismo.⁴⁹

3.6 - A Dimensão Escatológica da Eucaristia.

A perspectiva pascal e escatológica, a partir da nova vida do Senhor glorioso, do Kyrios, é a que melhor nos ajuda a compreender não só o fato da presença de Cristo na Eucaristia, mas também o modo dessa presença. Não podemos entender o mistério a partir do pão e do vinho para entrar em comunhão sacramental e real com os cristãos. Aquele que se dá a nós é o homem que venceu a morte e está em sua vida escatológica, como primogênito da nova humanidade, o Filho do homem, o Kyrios glorioso, o totalmente original, que quer aproximar-se de nós através de um gesto simbólico genial: dar-se a si mesmo como alimento e assim levar-nos à comunhão de vida com Deus.

O mesmo corpo de Cristo que chegou a glória no evento da cruz, o corpo “espiritual”, pneumático, de que fala Paulo (1Cor 15,44-50), é que se nos dá na Eucaristia, porque está totalmente aberto, livre, presente.⁵⁰ A Eucaristia não só nos anuncia profeticamente a realidade escatológica, mas já a contém: o pão e o vinho ficam integrados à esfera do amor do Kyrios, e também nós participamos sacramentalmente dessa realidade, como sinal eficaz e garantia da transformação escatológica à qual somos destinados.⁵¹

Entrementes afirma o Santo Padre, João Paulo II:

“A aclamação do povo depois da consagração termina com as palavras “vinde, Senhor Jesus”, justamente exprimindo a tensão escatológica que caracteriza a celebração eucarística (cf. 1Cor 11,26). A Eucaristia é tensão para a meta, antegoso da alegria plena prometida por Cristo (cf. Jo 15,11). A Eucaristia é celebrada na ardente expectativa de alguém, ou seja, “enquanto esperamos a vinda gloriosa de Jesus Cristo nosso Salvador”.

⁴⁹ - Cf. ALDAZÁBAL, José. A EUCARISTIA, p. 270-272.

⁵⁰ - Cf. ALDAZÁBAL, José. A EUCARISTIA, p. 336-337.

⁵¹ - Cf. ALDAZÁBAL, José. A EUCARISTIA, p. 340.

Quem se alimenta de Cristo na Eucaristia não precisa de esperar o Além para receber a vida eterna: já a possui na terra como primícias da plenitude futura, que envolverá o homem na sua totalidade. De fato, na Eucaristia recebemos a garantia também da ressurreição do corpo no fim do mundo: “Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna e eu o ressuscitarei no último dia (Jo 6,54). Esta garantia da ressurreição futura deriva do fato de a carne do Filho do Homem, dada em alimento, ser o seu corpo no estado glorioso de ressuscitado. Pela eucaristia, assimila-se por assim dizer, “o segredo” da ressurreição.⁵²

3.7 - A Dimensão da Auto-oferenda da Igreja.

O oferecimento por parte da comunidade, não só do sacrifício de Cristo, mas de si mesma. A comunidade se solidariza e se torna contemporânea do sacrifício pascal de Cristo, oferecendo-se a si mesma por ele e com ele:

“que ele (o Espírito) faça de nós uma oferenda perfeita” (III),
 “que nos tornemos um sacrifício vivo para o louvor de vossa glória” (IV),
 “ó Pai, aceitai-nos também com vosso Filho” (II Reconciliação),
 “junto com Jesus, entregamos, ó Pai, a nossa vida” (I Criações), “ele mesmo se colocou em nossas mãos para ser este sacrifício que agora vos oferecemos” (II Criações), “nos vos pedimos, ó Pai, aceitai-nos com vosso amado Filho” (III Criações).⁵³

Desta forma, a finalidade da Eucaristia vai ser precisamente esta: que não só se transformem o pão e o vinho na realidade de Cristo, mas que toda comunidade se transforme em seu corpo, que continua sendo seu corpo único e cheio de vida e, portanto, também oferecido ao Pai em continua oferenda, “viva” e “permanente”. Esta atitude de solidariedade com o Oferente supremo, que continua sendo Cristo, oferecendo-o e oferecendo-nos nós mesmos nele e com ele, é uma das dimensões que dá mais profundidade à Eucaristia cristã. E é bom que se expresse com palavras claras. O sacrifício de Cristo atrai para a sua esfera a Igreja que se oferece e é oferecida por Cristo ao Pai.⁵⁴

⁵² - Cf. JOÃO PAULO II. Carta Encíclica ECCLESIA DE EUCHARISTIA, São Paulo, Loyola, 2003, 18.

⁵³ - Cf. ALDAZÁBAL, José. A EUCHARISTIA, p. 260.

⁵⁴ - Cf. ALDAZÁBAL, José. A EUCHARISTIA, p. 261.

CONCLUSÃO

Este estudo propôs-se a apresentar a *Eucaristia, como exemplo e fonte de partilha*, proporcionando a alegria da descoberta do seu verdadeiro sentido e reavivando a paixão por este tão precioso sacramento, e a maravilha que acompanha a nossa existência hodierna. Ao longo de todo trabalho procura-se mostrar a sua profunda relação com a missão e como fonte de partilha, e citando o Concílio Vaticano II que teve a preocupação de tornar acessíveis aos cristãos, as riquezas da liturgia, especialmente no valor à Eucaristia. O Concílio Vaticano II completou, portanto o que faltou em Trento: o elo com o povo, a relação com as culturas. Das orientações do Vaticano II, esquematicamente descrita, decorrem consequências bem conhecidas: a reforma da língua vernácula, também se enfatiza a Missa como ação de Graças, sacrifício memorial do sacrifício de Cristo na Cruz. A respeito das orações eucarísticas, o Vaticano II, bem provido de conhecimentos históricos, pode realizar o projeto de Trento. Portanto, estar em comunhão com a Igreja é estar em constante missão e partilha, com o compromisso de solidariedade e paz para com os empobrecidos e desprezados, à margem do Banquete da vida. A Eucaristia é o sacramento da transformação em comunhão com a Igreja que é mãe e que acolhe a todos, não importando suas etnias. A Eucaristia é um verdadeiro anúncio da liberdade humana. A celebração deste sacramento em um mundo de miséria e injustiça, uma contínua luta por um sonho de libertação, pois ela alimenta a esperança de todos os nossos projetos que contemplam a realização do Reino de Deus, utopia de vida em abundância para todos. “Eu vim para que tenham a vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10). Porque o pão de Deus é aquele que desce do céu e dá vida ao mundo (Jo 6,33). Assim em cada Eucaristia somos enviados para o mundo para continuarmos a missão de Jesus de sermos sinais de vida para a sociedade, bem como colaborar na transformação do mundo. Uma vez discriminados os conceitos mais importantes para o propósito deste trabalho, procura-se demonstrar que a Eucaristia é uma fonte de partilha, pois está sempre em comunhão com a Igreja e com todos os fiéis.

BIBLIOGRAFIA

ALDAZÁBAL, José. A EUCARISTIA. Petrópolis: Vozes 2002.

BENTO XVI. Exortação Apostólica Pós-Sinodal SACRAMENTUM CARITATIS. Sobre a Eucaristia, fonte e ápice da vida e da missão da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2007.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2008. Nova edição, revista.

BROUARD, Maurice. (Org.) EUCHARISTIA: Enciclopédia da Eucaristia, São Paulo: Paulus, 2006

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 2000.

CONCÍLIO ECUMENICO VATICANO II. Compêndio do Concílio Vaticano II: constituições, decretos, declarações. 10º Ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

DOCUMENTO DE APARECIDA. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: Paulus, 2008.

JOÃO PAULO II. CARTA ENCÍCLICA ECCLESIA DE EUCHARISTIA. Sobre a Eucaristia na sua relação com a Igreja. São Paulo: Paulinas, 2003.

MISSAL ROMANO, São Paulo, Paulus, 1991.

NADEAU, Marie Thérèse. EUCARISTIA MEMÓRIA E PRESENÇA DO SENHOR. São Paulo: Paulinas, 2005.

VV. AA. A EUCARISTIA. Teologia e história da celebração. (Col. Anámnese 3). São Paulo: Paulus, 1987.

VV. AA. A EUCARISTIA NA BÍBLIA. São Paulo: Paulus, 1985.